



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE**  
**UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO**  
**II CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO COM FOCO EM**  
**ENSINO APRENDIZAGEM**

**TUANY ROBERTA QUEIROZ**

**O MUSEU COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA NO MUSEU DO**  
**HOMEM DO CURIMATAÚ, CUITÉ – PB**

**CUITÉ-PB**

**2014**

**TUANY ROBERTA QUEIROZ**

**O MUSEU COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA NO MUSEU DO  
HOMEM DO CURIMATAÚ, CUITÉ – PB.**

Monografia apresentada cumprimento às exigências do II Curso de Especialização em Educação com Foco em Ensino-aprendizagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação.

Orientadora: Dr<sup>a</sup> Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

CUITÉ-PB

2014

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA NA FONTE  
Responsabilidade Jesiel Ferreira Gomes – CRB 15 – 256

Q3m      Queiroz, Tuany Roberta.

O museu como estratégia didática: uma experiência no Museu do Homem do Curimataú, Cuité - PB. / Tuany Roberta Queiroz. – Cuité: CES, 2014.

51 fl.

Monografia (II Curso de Especialização com Foco em Ensino-Aprendizagem) – Centro de Educação e Saúde / UFCG, 2014.

Orientadora: Dra. Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos.

1. História – estudo e ensino. 2. Educação patrimonial. 3. Museu do Homem do Curimataú – Cuité - PB. I. Título.

CDU 94:37

**TUANY ROBERTA QUEIROZ**

**O MUSEU COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA: UMA EXPERIÊNCIA NO MUSEU DO  
HOMEM DO CURIMATAÚ, CUITÉ – PB.**

Monografia apresentada cumprimento às exigências do II Curso de Especialização em Educação com Foco em Ensino-aprendizagem do Centro de Educação e Saúde da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do grau de Especialista em Educação.

Aprovado em \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Cláudia Patrícia F. dos Santos (Orientadora)  
(UFCG/CES/UAE)

---

Profa. Msc. Caroline ZabendzalaLinheira  
(UFCG/CES/UAE)

---

Prof.Ms. Leonardo Mello  
(UFCG/CES/UAE)

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, pela oportunidade de poder aprimorar meus conhecimentos, pela proteção e por manter a coragem e a esperança mesmo nos momentos em que parecia mais fácil desistir.

Agradeço a minha família, alicerce e porto seguro, onde eu sei que tenho apoio sempre que precisar... Meus pais, Marilene e Roberto, meu irmão Tawan que não cansam de demonstrar o orgulho e a satisfação em minhas conquistas. Ao meu noivo, Paulo Henrique, pela paciência, compreensão e carinho de cada dia.

Agradeço a Universidade Federal de Campina Grande – campus Cuité pela oportunidade de participar do II curso de especialização em educação com foco em ensino aprendizagem. Ao André, Flávio e Israel que sempre nos recebem tão bem no Museu do Homem do Curimataú. Aos professores Caroline Zabendzala Linheira e Leonardo Mello por aceitarem participar da banca examinadora e, finalmente, à minha orientadora Cláudia Patrícia Fernandes dos Santos por dedicar-se ao melhoramento deste trabalho, aos colegas da turma e a todos os professores que contribuíram para o nosso crescimento intelectual.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Alunos observando o acervo do MHC.....	33
Figura 2: Alunos ouvindo explicações de André, orientador do MHC.....	34
Figura 3: Museu do Homem do Curimataú.....	38
Figura 4: Estudantes apresentando o projeto.....	40
Figura 5: Alunos chegando ao MHC para apresentação do documentário "Conversando com o passado.".....	40
Figura 6: Debate dos organizadores após a apresentação.....	41
Figura 7: Alunos assistindo o documentário.....	41

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Faixa etária. ....	34
Gráfico 2: Área de residência. ....	35
Gráfico 3: Já visitou o Museu do Homem do Curimataú? .....	35
Gráfico 4: Você sabe o que é patrimônio histórico? .....	36
Gráfico 5: Você conhece algum documentário sobre a história de Cuité. ....	42
Gráfico 6: Você gostaria de participar de atividades no MHC?.....	43

## **LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS**

AGB - Associação de Geógrafos Brasileiros

ANPUH - Associação Nacional de História

IAB - Instituto de Arquitetos Brasileiros

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

SPHAN - Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional

UNESCO - Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura

## RESUMO

Dinamizar o ensino de história é um desafio que se apresenta diariamente em sala de aula e despertar o interesse do aluno pelo estudo da história nem sempre é tarefa fácil. A educação patrimonial pode contribuir nesse sentido instigando o aluno a reconhecer e valorizar os patrimônios históricos que constituem a memória coletiva do seu lugar. O Museu do Homem do Curimataú será utilizado nesta pesquisa como palco para a aproximação dos alunos com a história local do município de Cuité, contribuindo para a compreensão das fontes históricas a partir do seu acervo além de sensibilizar para a importância da preservação do patrimônio para a construção do saber histórico. Portanto, a realização de ações educativas no Museu do Homem do Curimataú objetiva aproximar os alunos da discussão acerca da História Local, os levando a conhecer, e a reconhecer a sua história, a história do seu lugar, a sua identidade. Contribuindo desta maneira para a construção da cidadania e atentar para a necessidade da preservação do patrimônio, através do reconhecimento da importância da participação de todos os sujeitos no processo de construção histórica.

Palavras-chave: **Educação patrimonial, ensino de história, cidadania.**

## **ABSTRACT**

Dynamising the teaching of history is a challenge that shows daily in the classroom and arousing the student's interest by the study of history is not always easy task. The heritage education can contribute in this sense inciting student to recognize and value historical patrimony that constitute the collective memory of his/her place. The Museu do Homem do Curimataú will be used in this research as stage to approximation of students with local history of Cuité borough, contributing to comprehension of historical sources from its collection, beyond sensitizing to the importance of patrimony preservation for the construction of the historical knowledge. Therefore, the realization of educational actions in the Museu do Homem do Curimataú aims to approximate students of the discussions about local history, leading them to know and recognize his/her history, the history of his/her place, his/her identity. Contributing in this way to the citizenship construction and attempting to the necessity of the patrimony preservation beyond recognition of the importance of the participations of all subjects in the historical construction process.

**Keywords: Heritage education; Teaching history; Citizenship.**

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CAPÍTULO 1: O PATRIMÔNIO CULTURAL: A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E MEMÓRIA E AS POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL.....	14
CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA.....	23
CAPÍTULO 3: O MUSEU COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA .....	31
3.1 Observando o Museu do Homem do Curimataú.....	33
3.2 Alunos e pesquisa: Investigando o Museu.....	38
3.3 Conversando com o passado.....	40
CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....	46
ANEXOS.....	49

## INTRODUÇÃO

Superar as dificuldades dos alunos em sala de aula é uma necessidade cotidiana no dia-a-dia do professor. No ensino de história não é diferente. Conhecer as histórias, culturas e costumes de sociedades distantes ou de um passado distante no mais das vezes é desinteressante para o aluno, pois ele não se encontra naquela história, não reconhece a importância daquela história do livro didático para sua vida. A visita ao museu é então uma estratégia utilizada no ensino de História como forma de dinamizar as aulas, uma busca na conquista da atenção, do interesse do aluno. Entretanto, muitas vezes a dificuldade para relacionar a exposição com os conteúdos ensinados é encontrada pelos alunos e o momento que poderia ser de rica construção de conhecimento não passa de contemplação. Ainda nesse sentido, outro problema a ser enfrentado no ensino de História é o afastamento da discussão da história local da sala de aula. Desta forma, muitas vezes o aluno desconhece sobre a história do lugar em que ele vive.

As questões que se apresentam ao serem analisadas essas relações são: como aproximar o aluno da história? Como mostrar que ele também pode fazer parte do conhecimento histórico? A partir do museu é possível estabelecer essas relações? A presente pesquisa buscou se aproximar dessas respostas.

O Museu do Homem do Curimataú, localizado em frente à Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos, reúne em suas exposições objetos que fizeram parte do cotidiano da sociedade, sendo o próprio prédio onde está instalado também um lugar de memória para a cidade. Compreender o patrimônio histórico a partir do Museu foi uma oportunidade de demonstrar que ele está ali bem próximo e acessível a todos. Assim, trazer a questão da história de Cuité, a partir do seu espaço, pode aguçar a curiosidade dos alunos fazendo-os perceber que a história está presente também nas suas vidas.

O objetivo deste trabalho é possibilitar ao aluno o reconhecimento de sua história e se perceber como sujeito no processo de construção de conhecimento, tornando-o consciente do seu papel enquanto cidadão. Deste modo, proporcionar o contato do aluno com o Museu do Homem do Curimataú contribui para o reconhecimento da história do lugar em que ele vive e, ao mesmo tempo, aproximá-lo deste espaço o faz refletir sobre as “coisas antigas” ali expostas enquanto fonte histórica compreendendo que elas fazem parte de um contexto histórico que pode levá-lo a conhecer e entender o passado.

O ensino da história sob a perspectiva local visa levá-lo a compreender a sociedade em que ele está inserido, contribuindo para que ele tenha condições de intervir/ participar conscientemente da sociedade. Garantir espaço para educação patrimonial é garantir o reconhecimento da diversidade cultural, da memória coletiva do lugar em que se vive.

O público alvo desta pesquisa foram alunos de uma turma da primeira série do ensino médio da Escola Orlando Venâncio dos Santos, escola estadual de turno integral, pertencente ao programa Ensino Médio Inovador, na cidade de Cuité. Esta turma foi escolhida porque o conteúdo do primeiro ano do ensino médio inicia com o conhecimento acerca do que é história, do trabalho do historiador com as fontes históricas, refletindo a relação do presente com o passado. Desta maneira, ao visar o aprofundamento dos conhecimentos adquiridos no Ensino Fundamental, foi possível a realização deste trabalho privilegiando a participação efetiva dos alunos no processo de ensino-aprendizagem.

O primeiro capítulo desse trabalho, denominado “O patrimônio cultural: a relação entre identidade e memória e as possibilidades da educação patrimonial” elencou uma discussão teórica sobre o patrimônio histórico discutindo a origem de seus conceitos e a relação do patrimônio com a memória que resulta no reconhecimento da identidade cultural. A partir da compreensão de como a questão relativa ao patrimônio foi tratada historicamente a partir da contribuição do autor Carlos A. C. Lemos (2004), entende-se por que a ideia de patrimônio esteve ligada ao patrimônio material, as edificações. Oriá (2006) mostra que este conceito é modificado e o patrimônio histórico não está apenas ligado aos bens materiais. Os bens imateriais passam também a fazer parte do que é considerado patrimônio.

A memória ganha então importância, pois estará intrinsecamente ligada aos bens imateriais assim como está por trás também dos bens materiais. O patrimônio estará ligado à cultura dos povos e fará parte da identidade de cada grupo social. A valorização desta memória e desta cultura permitirá o debate acerca da preservação patrimonial e um dos caminhos para esta possibilidade é a Educação Patrimonial.

Dessa maneira, o segundo capítulo “A educação patrimonial e o ensino de história” realiza uma reflexão acerca do ensino de história e da contribuição da educação patrimonial para envolver os alunos a partir de sua participação enquanto sujeitos na construção do saber histórico. A partir das contribuições dos autores Medeiros & Surya (2012), Oriá (2006) e Azevedo (2010) foi possível compreender a proposta da Educação Patrimonial. Fonseca (2003) destaca novas concepções do saber histórico escolar, pautadas em novas relações entre professor e aluno afim de novas possibilidades na construção do conhecimento. Nesse sentido

foi importante a observação dos Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio no que diz respeito ao ensino de história e os destaques dados as questões relativas ao patrimônio. Por fim, o terceiro capítulo “O museu como estratégia didática” apresenta um relatório das atividades desenvolvidas durante a pesquisa que buscou a partir da abordagem qualitativa analisar os dados quantitativos obtidos através da aplicação de questionários.

Em suma, é relevante destacar como o estudo da história contribui para a formação crítica do aluno, levando-o a compreender as relações que constituem o lugar em que ele vive. E uma das formas que torna isto possível é conhecer o patrimônio e a história do seu lugar, este pode ser o primeiro passo para que o aluno possa ser sensibilizado a preservar a memória e a história através dos patrimônios. O exercício da cidadania cultural neste contexto se dá através do reconhecimento da importância da preservação do patrimônio histórico como constituinte de sua própria identidade, já que a sociedade constitui a sua identidade a partir da memória coletiva, e esta se constrói a partir do que é passível de ser lembrado, rememorado, tornado patrimônio.

## CAPÍTULO 1: O PATRIMÔNIO CULTURAL: A RELAÇÃO ENTRE IDENTIDADE E MEMÓRIA E AS POSSIBILIDADES DA EDUCAÇÃO PATRIMONIAL

Para se compreender o conceito de patrimônio e preservação é necessário contextualizar historicamente as discussões acerca destes. Lemos (2004) destaca que a preocupação em preservar é relativamente nova, sendo pensada principalmente a partir de particulares, colecionadores, ou seja, não havia uma preocupação a partir dos governantes na questão da preservação. Este quadro mudou a partir do projeto do escritor Mario de Andrade onde se buscou definir o que seria patrimônio artístico e cultural.

Entende-se por Patrimônio Artístico e Cultural todas as obras de arte pura e ou de arte aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, e a organismos sociais e a particulares nacionais, a particulares estrangeiros, residentes no Brasil (LEMOS, 2004, p. 38).

Agrupando as obras em oito categorias de artes (arqueológica, ameríndia, popular, histórica, erudita nacional, erudita estrangeira, aplicadas nacionais e aplicadas estrangeiras), Mario de Andrade incluía nesses grupos “*todo o nosso vasto elenco patrimonial.*” (Idem p.39)

A iniciativa ministerial de chamar Mário de Andrade, um dos mais importantes escritores modernos, para redigir o programa da instituição de patrimônio a ser criada reside na convicção que a principal tarefa do MES, a formação da mentalidade futura do homem brasileiro, não estaria solidamente alicerçada caso não fosse igualmente estabelecido no presente o que importava de nosso passado. (CAVALCANTI, 1999, p.182)

Este projeto foi transformado em lei em novembro de 1937, traçando o que seria compreendido então por patrimônio. Neste momento a discussão se pauta na identidade nacional, o contexto de formação desta identidade tem como objetivo constituir a partir da ideia da nação algo que interligasse o povo brasileiro e despertasse o sentimento de brasilidade. A política do Estado Novo (1937 - 1945) busca formar o “homem-novo” e o Ministério de Educação e Saúde chefiado por Gustavo Capanema empreende um projeto de nação principalmente na reforma da educação.

Formar um “homem novo” para um Estado Novo, conformar mentalidades e criar o sentimento de brasilidade, fortalecer a identidade do trabalhador, ou por outra, *forjar* uma identidade positiva no trabalhador brasileiro, tudo isso fazia parte de um grande empreendimento cultural e político para o sucesso do qual contava-se estrategicamente com a educação por sua capacidade universalmente reconhecida de

socializar os indivíduos nos valores que as sociedades, através de seus segmentos organizados, querem ver internalizados (BOMENY, 1999, p.139).

E dentro destas discussões está também a questão relativa ao patrimônio. Há a preocupação em definir o que constitui a identidade nacional, onde a cultura brasileira a fortaleceria a partir de aspectos que seriam internalizados num sentimento de brasilidade. A partir da lei de janeiro de 1937 há uma reorganização do Ministério da Educação e a criação do “Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional” no decreto de lei nº 25 de 30 de novembro de 1937. Porém, Lemos (2004) aponta o não seguimento do projeto de Mario de Andrade por esta instituição.

O predomínio maciço de arquitetos foi uma das poucas e, com toda certeza, mais substancial alteração que Rodrigo Melo Franco imprime ao projeto de Mário de Andrade. Corresponde à prioridade estabelecida no Sphan: os bens de “pedra e cal” (CAVALCANTI, 1999, p.179)

O Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN) “*desde sua criação em 1937, deixou um saldo de bens imóveis tombados referentes aos setores dominantes da sociedade*” (ORÍÁ, 2006, p. 131). As memórias que serão elencadas como patrimônio nacional contribuirão para a construção da noção de patrimônio ligado somente aos prédios, mas, aos prédios das elites, na tentativa de construir uma ideia de nação homogênea, uma identidade única para o país. Oriá (2006) destaca a participação quase que exclusiva dos arquitetos nas pesquisas sobre patrimônio, como se o patrimônio histórico fosse objeto próprio de seus estudos. As discussões acerca do Patrimônio por muito tempo pautou-se sobre o “patrimônio edificado e arquitetônico”<sup>1</sup>. Neste sentido, deve-se ressaltar a importância de órgãos como o SPHAN que estava à frente da política preservacionista, pensada e posta em prática pelo Estado Novo.

Patrimônio histórico. A expressão designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade que se ampliou a dimensões planetárias, constituído pela acumulação contínua de uma diversidade de objetos que se congregam por seu passado comum: obras e obras-primas das belas-artes e das artes aplicadas, trabalhos e produtos de todos os saberes e *savoir-faire* dos seres humanos. [...] entre os bens incomensuráveis e heterogêneos do patrimônio histórico, escolho como categoria exemplar aquele que se relaciona mais diretamente com a vida de todos, o patrimônio histórico representado pelas edificações (CHOAY, 2001, p. 11-12).

---

<sup>1</sup>Oriá, 2006, p. 131.

Nesses primeiros momentos em que é pensada a questão da preservação do patrimônio há uma valorização dos monumentos edificados, das obras de arte como representação do patrimônio histórico, ou seja, estaria relacionada à preservação do patrimônio de “pedra e cal”.

O conceito de patrimônio histórico e artístico, que, por sua própria nomenclatura se remete somente a bens materiais vem sendo substituído pelo conceito de patrimônio cultural que irá tratar dos bens culturais. Oriá (2006) busca nos esclarecer o que seria um bem cultural:

Toda produção humana, de ordem emocional, intelectual e material, independente de sua origem, época ou aspecto formal, bem como a natureza, que propiciem o conhecimento e a consciência do homem sobre si mesmo e sobre o mundo que o rodeia (GODOY, p. 72 citado por ORÍÁ, 2006, p.132).

A partir daí várias entidades como o Instituto de Arquitetos Brasileiros (IAB), a Associação de Geógrafos Brasileiros (AGB) e a Associação Nacional de História (ANPUH) começaram a pesquisar sobre o patrimônio cultural, ressaltando uma *“nova postura da administração pública com relação ao assunto.”*<sup>2</sup>

A temática do patrimônio cultural foi destacada pelo assessor internacional da UNESCO, Huges de Varine-Boham que, segundo Lemos (2004), dividiu o patrimônio em três categorias de elementos.

O primeiro grupo refere-se aos elementos da natureza, tudo o que envolve o meio ambiente e está relacionado aos recursos naturais podem ser destacados como bens culturais, e, portanto, fazem parte do patrimônio cultural. O clima, o relevo, os rios, a flora, tudo que interfere na ocupação e na vida humana, a paisagem que revela os costumes, fazem parte deste primeiro grupo.

No segundo grupo, os elementos referentes ao conhecimento, ao saber fazer. Neste sentido, os elementos deste segundo grupo são os elementos não tangíveis do patrimônio cultural. São as formas como os homens vão desenvolver seus meios de sobrevivência em relação à natureza. E por último há os bens culturais, que abrange tudo que resulta do meio ambiente e do saber fazer. São os bens materiais que Lemos (2004) chama de artefatos, onde estes artefatos estarão ligados com o meio ambiente e ao saber fazer.

Os bens materiais podem ser considerados como monumento, visto que para Françoise Choay (2001) o monumento é

---

<sup>2</sup> Idem, p. 132.

(...) aquilo que traz à lembrança alguma coisa. A natureza afetiva do seu propósito é essencial: não se trata de apresentar, de dar uma informação neutra, mas de tocar, pela emoção, uma memória viva. (CHOAY, 2001, p. 18)

Apesar de relacionar a ideia de monumento às edificações, a definição de monumento pode ser empregada aos bens materiais que compõem o patrimônio cultural, visto que, os objetos que serão elencados estarão ligados a essa rememoração afetiva de uma dada sociedade. “A memória liga-se à lembrança das vivências, e esta só existe quando laços afetivos criam o pertencimento ao grupo...” (FÉLIX, 2004, p.39) O monumento remeterá à memória, construirá relações com as memórias individuais e coletivas e dessa forma, será possível a construção de representações sobre aquele objeto e suas relações com as sociedades a que pertenceu.

No site do Iphan é possível encontrar as considerações sobre o que seria patrimônio material e imaterial:

O patrimônio material protegido pelo Iphan, com base em legislações específicas é composto por um conjunto de bens culturais classificados segundo sua natureza nos quatro Livros do Tombo: arqueológico, paisagístico e etnográfico; histórico; belas artes; e das artes aplicadas. Eles estão divididos em bens imóveis como os núcleos urbanos, sítios arqueológicos e paisagísticos e bens individuais; e móveis como coleções arqueológicas, acervos museológicos, documentais, bibliográficos, arquivísticos, videográficos, fotográficos e cinematográficos.<sup>3</sup>

A Unesco define como Patrimônio Cultural Imaterial "as práticas, representações, expressões, conhecimentos e técnicas - junto com os instrumentos, objetos, artefatos e lugares culturais que lhes são associados - que as comunidades, os grupos e, em alguns casos, os indivíduos reconhecem como parte integrante de seu patrimônio cultural.<sup>4</sup>

O Patrimônio Imaterial é transmitido de geração em geração e constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função de seu ambiente, de sua interação com a natureza e de sua história, gerando um sentimento de identidade e continuidade, contribuindo assim para promover o respeito à diversidade cultural e à criatividade humana.<sup>4</sup>

Portanto, a partir do conceito de patrimônio cultural, ocorre uma abertura acerca do que pode ser considerado patrimônio onde a partir do patrimônio imaterial a memória não está condicionada somente a um objeto, uma edificação, mas sim as representações, os conhecimentos, as técnicas de uma dada sociedade. E esse patrimônio, a partir de suas

<sup>3</sup>Texto disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=12297&retorno=paginaIphan>  
Acesso em 15 de Janeiro de 2014

<sup>4</sup> Texto disponível em <http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?id=10852&retorno=paginaIphan>  
Acesso em 15 de Janeiro de 2014

diversas possibilidades, contribui para a o reconhecimento histórico da sociedade e de sua identidade.

A constituição da identidade de um povo e a relação de pertencer à determinada cultura se dá a partir do conhecimento e o reconhecimento do indivíduo dentro desta sociedade. O espaço escolar contribui na constituição desta relação, pois, conhecer as diferentes culturas e compreender que não existe cultura melhor do que outra é o primeiro passo para a conscientização do respeito às diferenças. “*Ter a consciência da importância do conhecimento do que é patrimônio cultural, faz com que cada aluno identifique que estarão aos poucos contribuindo para a preservação de uma História na qual eles fazem parte*” (SOUZA, 2011, p. 5) a discussão acerca da educação patrimonial pode contribuir neste processo.

A proposta da educação patrimonial vem com a finalidade de envolver a sociedade, comunidades escolares, professores e alunos para seu papel no resgate do patrimônio cultural. Sendo assim, é um trabalho educacional, conscientizador, atribuído a cada indivíduo de forma individual ou coletiva, com a finalidade de provocar o conhecimento cultural e valorização das heranças culturais (SOUZA, 2011, p. 6).

A memória é peça fundamental para a construção da história local, pois, é através das lembranças que a história do lugar é constituída e reconstruída, ela é um bem imaterial. Os bens materiais também contribuem para a lembrança, ou seja, os objetos têm nesse sentido, uma memória. A memória “*é vivida no interior, mais ela tem necessidade de suportes exteriores e de referências tangíveis de uma existência que só vive através delas.*” (NORA, 1981, p. 14), ou seja, ela passa a ser reconstruída, lembrada, através destes objetos. Segundo Pacheco (2010), “*ao escolhermos um objeto para o acervo de um memorial, estamos retirando-o de seu contexto original para lhe atribuir outra funcionalidade, a de evocar o passado e articular um discurso para esse fim.*” (PACHECO, 2010, P. 145).

O museu passa a ser um *lugar de memória*, ou como afirma Horta (2005) o museu, assim como bibliotecas e arquivos são lugares institucionalizados de Memória, pois o que constitui esse lugar é “*um jogo da memória e da história*” (NORA, 1981, p.17).

Por que se é verdade que a razão fundamental de ser de um lugar de memória é para o tempo, é bloquear o trabalho do esquecimento, fixar um estado de coisas, imortalizar a morte, materializar o imaterial para – o ouro é a única memória do dinheiro- prender o máximo de sentido num mínimo de sinais, é claro, e é isso que os torna apaixonantes: que os lugares de memória só vivem de sua aptidão para a metamorfose, no incessante ressaltar de seus significados... (NORA, 1981, p. 22).

Os objetos enquanto *lugares de memória* contribuem para a construção de uma memória coletiva, as lembranças que serão reavivadas a partir de tais objetos na memória individual e a partir destas passarão a constituir uma memória coletiva

É preciso que esta reconstrução funcione a partir de dados ou de noções comuns que estejam em nosso espírito e também no dos outros, por que elas estão sempre passando destes para aquele e vice-versa... Somente assim podemos compreender que uma lembrança seja ao mesmo tempo reconhecida e reconstruída (HALBWACHS, 2006, p. 39).

Esta memória coletiva tem assim uma importante função de contribuir para o sentimento de pertinência a um grupo de passado comum, que compartilha memórias. Ela garante o sentimento de identidade do indivíduo calcado numa memória compartilhada não só no campo histórico, do real, mas, sobretudo, no campo simbólico (KESSEL, 2007, p. 3).

Desta maneira, a memória coletiva contribuindo para o sentimento de pertencimento do indivíduo como ressalta Kessel (2007), irá refletir na construção da identidade cultural deste indivíduo, e, por conseguinte, da sociedade em que está inserido. “(...)a identidade é realmente algo formado, ao longo do tempo, através de processos inconscientes, e não algo inato, existente na consciência no momento do nascimento” (HALL, 2002, p. 38).

Para Hall (2002), a identidade cultural tem como fonte principal as culturas nacionais, portanto, para a formação de uma identidade cultural é necessário uma cultura nacional que esteja de certa forma relacionada à memória coletiva, pois, a partir deste reconhecimento é que estará sendo constituída uma identidade em comum. Por isso é preciso salientar a criação do museu do Homem do Curimataú como lócus de identidade cultural, pois aquele espaço contribuirá para a rememoração individual das pessoas que vivenciaram o cotidiano que está sendo retratado pelos objetos expostos e que serão rememorados e repassados aos jovens, tornando-se memória coletiva. Assim o museu contribui para a discussão acerca da importância da preservação da identidade cultural da cidade de Cuité.

Debater a importância da preservação da identidade cultural através do Museu do Homem do Curimataú é debater a própria participação dos jovens neste processo de reconhecimento cultural. Ações educativas no espaço do museu contribuem para estreitar as relações entre comunidade e museu, e desta forma tornar o espaço do museu um espaço de construção de conhecimento.

Lemos (2004) destaca o porquê de preservar o patrimônio, atentando para a própria significação da palavra “preservar” que seria estaria no sentido de conservar, manter livre de

perigos e danos, defender. Com isso o autor diz que se deve preservar “*já que a todos só pode interessar a ideia ligada à salvaguarda de nossa identidade cultural.*” (LEMOS, 2004, p. 25).

É necessário refletir a importância de preservação do patrimônio, assim como da própria identidade cultural. Observa-se a importância do museu no sentido da preservação, salientando que o museu não deve ser visto somente como lugar de exposição, ou seja, deixar de ser visto apenas como um lugar que apresenta uma

(...) reunião de objetos em vitrinas com etiquetas informativas, o que concorre para uma total dispersão e desinteresse do público visitante e para formar a imagem dessas instituições como ‘lugar de coisas velhas/distante’ e sem sentido para a vida dos alunos (ORÍÁ, 1998, p. 104).

Mais do que isso, o espaço do museu deve ser visto como um lugar que guarda objetos que não estão ali para serem vistos por si só, mas sim perceber que aquele conjunto de objetos apresentados constrói um discurso acerca do passado, “*os objetos devem estar reunidos para produzirem um discurso museográfico inteligível [...] a partir deste pressuposto básico é que podemos falar no potencial educativo de um museu*” (ORÍÁ, 1998, p. 107). É naqueles objetos que a memória individual e coletiva daquela sociedade se encerra, contribuindo para a construção da sua identidade e cidadania cultural.

É a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre a sucessão de gerações e o tempo histórico que as acompanha. [...] Enfim, sem a memória não se pode situar na própria cidade, pois perde-se o elo afetivo que propicia a relação habitante-cidade, impossibilitando ao morador de se reconhecer enquanto cidadão de direitos de deveres e sujeito da história (ORÍÁ, 2006, p. 139).

Através do discurso constituído a partir da exposição no museu, se pode perceber

(...) a memória não como algo imutável e repetitivo, mas como uma possibilidade de reflexão sobre o passado através de sua representação no momento presente. Assim, a constituição de uma memória está intimamente relacionada com as transformações que o presente lhe confere na reelaboração do passado (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107).

A partir desta memória coletiva haverá a valorização da história local colaborando para a chamada cidadania cultural. Para melhor entendimento do conceito de cidadania cultural, deve-se compreender que o

Direito à cidadania, em âmbito cultural, remete à participação nos bens de cultura como um direito como os demais – reconhecimento, inclusive, de minorias – seja de criação, seja de acesso (amplo, efetivo) a bens culturais, seja na preservação de patrimônios culturais (materiais ou imateriais), além do reconhecimento a todas as culturas com igual valor (multiculturalismo – valor à igualdade e diversidade). (AMORIM, 2009, p.18).

Ou seja, o debate acerca da cidadania cultural, busca garantir no âmbito do direito o reconhecimento da importância da cultura, principalmente no que se refere à preservação.

(...) um conceito jurídico para a cultura se faz necessário na medida em que nem toda forma de sua expressão pode ser juridicamente protegida, mereça a incidência de um dos mecanismos de salvaguarda ou ainda que esses meios sejam inadequados (MARCHESAN, 2007, p. 26 apud COSTA, 2008, p. 28).

A preservação dos bens culturais aponta que *“uma política cultural pública deve ser abordada, preferencialmente, com questões relacionadas à identidade, pertencimento, noções de responsabilidade civil, diferenças comunitárias, etc...”* (COELHO, 2003, p.2)

Desta forma o espaço do museu deve colaborar para o exercício da cidadania cultural, através de ações educativas que incluam atividades que possam levar a reflexão sobre a importância da preservação dos bens culturais. Para que o aluno seja levado a valorizar a memória histórica do seu lugar, atentando para a preservação da história local. O museu contribui, demonstrando para a comunidade, no nosso caso, a comunidade escolar, a importância de termos um espaço que recontem a nossa história, não de maneira “fria”, distante de nossa realidade, mas fazê-los perceber que eles também são autores da sua história, e podem contribuir para o enriquecimento cultural do museu e conseqüentemente do lugar onde eles vivem.

A necessidade de trabalhar o Patrimônio Cultural nas escolas fortalece a relação das pessoas com suas heranças culturais, estabelecendo um melhor relacionamento destas com estes bens, percebendo sua responsabilidade pela valorização e preservação do Patrimônio, fortalecendo a vivência real com a cidadania, num processo de inclusão social (MORAES, 2005, p. 2).

A realização de atividades no espaço do museu do Homem do Curimataú oportuniza a dinamização do trabalho educativo no museu, pois, os alunos ao participarem ativamente naquele espaço são instigados a perceber que ali não é um lugar “morto” e que pode auxiliar para a construção do conhecimento e contribuir para que se conheça a história a partir de diferentes aspectos.

É importante pensar a relação entre as memórias da cidade e a promoção da cultura local, através de saraus, rodas de viola, palestras, aulas... Estes momentos surgem como

oportunidade de aproximar as pessoas do espaço do Museu e promover a cultura a partir de ações que visem valorizar não só o museu enquanto patrimônio histórico, mas a própria cultura, que é patrimônio imaterial.

Pensar ações educativas no espaço do Museu do Homem do Curimataú é pensar maneiras de fazer com que os alunos sintam-se mais próximos daquele espaço e vejam nele oportunidade aprimorar os seus conhecimentos. *“Toda ação educativa do Museu visa facilitar o estabelecimento de relações entre as ideias dos visitantes e as mensagens propostas pela exposição.”* (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107) A participação da comunidade nas ações desenvolvidas no Museu do Homem do Curimataú é importante para garantir que o museu não seja para a cidade somente um lugar de exposição. Ao lhe dar esta conotação cultural é possível fazer com que os alunos tenham maior interesse em interagir com o museu.

Sendo assim, a educação estará preparando os alunos para mostrar a sociedade da importância de manter viva a memória e a valorização de seu espaço. Se essa conscientização vem da escola, é possível que se tornem cidadãos preparados para reconhecer e salvaguardar os patrimônios culturais (SOUZA, 2011, p. 7).

Ou seja, estabelecer a relação entre museu e escola contribui para a valorização da memória histórica que é revivida através dos objetos que foram preservados. Com isso, pode-se sensibilizar o aluno acerca da importância da preservação da história para o reconhecimento de sua própria identidade.

## CAPÍTULO 2: A EDUCAÇÃO PATRIMONIAL E O ENSINO DE HISTÓRIA

Segundo Certeau (1982):

(...)entendo como *história* esta prática (uma "disciplina"), o seu resultado (o discurso) ou a relação de ambos sob a forma de uma "produção". Certamente, em seu uso corrente, o termo *história* conota, sucessivamente, a ciência e seu objeto – a explicação que se *diz* e a realidade *daquilo que se passou* ou se passa (CERTEAU, 1982 ,p. 32).

Repensar o ensino de História, superar o mero repasse de conteúdos presentes nos livros didáticos, atribuir sentido ao conhecimento histórico visto em sala de aula, contribuir para a construção da identidade e exercício da cidadania, são desafios que estão presentes no dia a dia do professor, as experiências vividas no contexto da sala demonstram que se faz necessária a reflexão do seu papel no processo de ensino-aprendizagem, pois

O professor ao diversificar as fontes e dinamizar as práticas de ensino, democratiza o acesso ao saber, possibilita o confronto e o debate de diferentes visões, estimula a incorporação e o estudo da complexidade da cultura e da experiência histórica (FONSECA, 2003, p. 37).

Nesse sentido, destaca-se a importância do ensino de História para que o indivíduo desenvolva sua visão e senso crítico e tenha a possibilidade de se reconhecer dentro da sociedade onde a constituição de sua identidade possui influências dos aspectos culturais, pois, como afirma Hall (2002), a identidade não é algo inato, mas sim, algo formado ao longo do tempo a partir do contato com a cultura que faz parte da memória coletiva e caracteriza a sociedade em que se está inserido.

Os Parâmetros Curriculares Nacionais destacam que a História no Ensino Médio “*possui condições de ampliar conceitos introduzidos nas séries anteriores [...] contribuindo para a construção dos laços de identidade e consolidação da formação da cidadania.*” (BRASIL, 2000, p.22).O cidadão necessita conhecer a sua história e os processos históricos para se reconhecer dentro da sociedade e poder exercer o seu papel consciente da sua importância. Logo, a visão crítica do aluno só pode ser exercitada a partir do seu conhecimento e este deve ser estimulado num processo de ensino-aprendizagem que valorize o aluno enquanto sujeito.

Segundo os Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio, além de destacar a importância da compreensão do tempo e dos conceitos históricos, o ensino de História visa contribuir para a análise das representações do mundo social, das identidades que constituem

a sociedade, dos processos históricos que resultam nas relações sociais vivenciadas no dia-a-dia. A disciplina deve envolver conteúdos significativos para os jovens, valorizando a relação com a memória “*livrando as novas gerações da ‘amnésia social’ que compromete a constituição de suas identidades individuais e coletivas.*” (BRASIL, 2000, p.26). O direito à memória é aqui entendido como parte constituinte da cidadania cultural revelando a necessidades de debates sobre

(...) o conceito de preservação das obras humanas. A constituição do Patrimônio Cultural e sua importância para a formação de uma memória social e nacional sem exclusões e discriminações é uma abordagem necessária a ser realizadas com os educandos, situando-os nos “lugares de memória” construídos pela sociedade(BRASIL, 2000, p.26).

Pretende-se retirar o aluno da sala de aula proporcionando-lhe contato ativo e crítico com as ruas, praças, edifícios públicos e monumentos como oportunidade de desenvolvimento de uma aprendizagem significativa. Acrescenta-se ainda a importância de contato não só com os patrimônios edificados, mas com os bens culturais<sup>5</sup>, materiais e imateriais, que são explorados pela educação patrimonial. A cultura deve se entendida como peça fundamental para o reconhecimento e a formação de identidades. Sua relação com os chamados bens culturais constituem o patrimônio cultural e abrange todos os lugares de memória de uma sociedade, sejam eles os patrimônios edificados ou suas produções culturais.

O conceito de identidade associada ao lugar refere-se à relação que se estabelece entre o indivíduo e um lugar específico, e ao contributo desta relação para a definição subjectiva da identidade pessoal. Na sua essência, a identidade associada ao lugar pode ser definida como uma subestrutura da identidade pessoal resultante da apropriação no autoconceito de características atribuídas ao lugar. (DUARTE & LIMA, 2005, p. 2)

Nesse contexto, o patrimônio cultural pode ser compreendido como parte da referência ao lugar, e o reconhecimento destes a partir das relações com a memória, está interligado na constituição da identidade cultural dos indivíduos. Portanto, faz-se necessário compreender que a educação patrimonial,

---

<sup>5</sup> “O QUE É BEM CULTURAL? É o produto do processo cultural, que proporciona ao ser humano o conhecimento e a consciência de si mesmo, e do ambiente que o cerca.” Marcelo Mara Bione. **Patrimônio cultural e cidadania: conceitos, políticas e ações**. Disponível em <<http://www.catalao.ufg.br/mat/revista/ART-002.pdf>> Acesso em: 25 de janeiro de 2014.

(...) vem a ser um tipo de “alfabetização cultural” que independe da capacidade de leitura do indivíduo ou do aluno. Esta alfabetização propõe a “leitura” e a decodificação dos significados dos objetos materiais produzidos pela trajetória da cultura, bem como a compreensão de seu sentido “imaterial” (...) (HORTA, 2005, p. 41).

A educação patrimonial nada mais é do que a educação voltada para questões referentes ao patrimônio cultural, que compreende desde a inclusão, nos currículos escolares de todos os níveis de ensino, de temáticas ou conteúdos programáticos que versem sobre o conhecimento e a conservação do patrimônio histórico, até a realização de cursos de aperfeiçoamento e extensão para os educadores e a comunidade em geral [...] de forma a habilitá-los a despertar nos educandos e na sociedade o senso da preservação da memória histórica e conseqüentemente o interesse pelo tema. (ORIÁ, 2006, p. 141)

A educação patrimonial surge como uma nova ótica para o ensino de História que consiste na possibilidade de garantir condições de preservação do patrimônio histórico a partir da discussão sobre a importância de manter os dispositivos de memória que contribuem para a constituição da identidade local e desta forma instigar a curiosidade pela história e a preocupação na manutenção destes espaços de memória, contemplando a questão do patrimônio histórico a partir da sala de aula. Logo, deve-se refletir sobre

O que é Educação Patrimonial? Toda vez que as pessoas se reúnem para construir e dividir novos conhecimentos, investigam pra conhecer melhor, entender e transformar a realidade que nos cerca, estamos falando de uma ação educativa. Quando fazemos tudo isso levando em conta alguma coisa que tenha relação ao com nosso patrimônio cultural, então estamos falando de Educação Patrimonial!<sup>6</sup>

A educação patrimonial é um processo permanente e sistemático de trabalho educacional centrado no patrimônio cultural como fonte primária de conhecimento e enriquecimento individual e coletivo. Significa tomar os objetos e expressões do patrimônio cultural como ponto de partida para a atividade pedagógica, observando-os, questionando-os e explorando todos os seus aspectos que podem ser traduzidos em conceitos e conhecimentos (MEDEIROS, SURYA, 2012, p.299).

Com a educação patrimonial há a possibilidade de discutir ações educativas em diferentes espaços da cidade que possam ser utilizados para a discussão do tema, “*o aluno começa a entender que história também se faz fora de sala de aula e que o passado se faz presente nas praças, nos monumentos, nas festas cívicas, nos nomes de ruas e colégios.*” (SCHMIDT, CAINELLI, 2010, p.150)

É possível tornar o presente, sob a perspectiva do patrimônio, um espaço de estudo para a aprendizagem em história ampliando as possibilidades de conhecimento a partir da reflexão dos alunos sobre o seu cotidiano. Observar o mundo além da sala de aula como

---

<sup>6</sup> Texto disponível em

<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarPaginaSecao.do?jsessionid=12421AAF29A5DCC4E6360330AAB19119?id=15481&retorno=paginaIphan> Acesso em 14 de Janeiro de 2014.

afirma Schmidt e Cainelli (2010) pode capacitar os alunos a fazerem perguntas sobre o cotidiano, os homens de outros tempos, sobre o lugar onde vivem e sobre os objetos que conhecem em museus e arquivos. Neste trabalho utilizou-se o museu que é rico em possibilidades para a pesquisa histórica, pois

Não consideramos que a ação educativa em um museu deva estar centrada apenas nas exposições, mas que estas são os suportes essenciais que permitem e aproximam a relação com o público em geral, e o escolar em particular (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107).

Garantindo via escola as condições de convivência com a materialidade cultural da cidade é possível haver uma contribuição para a própria compreensão histórica do indivíduo no reconhecimento de sua identidade, tendo em vista o interesse coletivo para que se possa constituir o direito da cidadania.

O conjunto de objetos culturais, materiais e imateriais herdados pelos contemporâneos somente passa a constituir o patrimônio histórico das comunidades quando é reconhecido como tal pelo sujeito que o incorpora a sua experiência (PACHECO, 2010, p. 145).

*“Somente a partir do momento em que a sociedade resolve preservar e divulgar os seus bens culturais é que se inicia o processo de construção de seu ethos cultural e de sua cidadania.”* (ORÍ, 2006, p. 138) pode-se dizer que só haverá preservação do patrimônio histórico a partir da identificação da população com aqueles símbolos, ícones e monumentos que foram preservados, e, só poderá haver identificação a partir do momento em que se conhece e se (re)conhece neste patrimônio.

Somente é possível a valorização e o reconhecimento da importância do patrimônio histórico quando se percebe a ligação deste com a sua própria identidade. *“A identidade cultural de um país, estado, cidade ou comunidade se faz com memória individual e coletiva.”* (ORÍ, 2006, p. 138), o reconhecimento destas memórias se dá através do *“contato com esses documentos materiais, a partir do suporte comunicativo das exposições, permite-nos inserir questões relativas à constituição de uma memória e da preservação de um passado.”* (ALMEIDA, VASCONCELLOS, 2006, p. 107)

Dessa forma, a partir da educação patrimonial as comunidades escolares adotando práticas culturais e ações de participação podem ser conduzidas a repensar e superar velhas formas de olhar o patrimônio e desenvolver ações para transformação de sua escola, seu bairro. E, através de uma leitura crítica sobre as questões patrimoniais, utilizar a educação

patrimonial para que os alunos reflitam sobre suas ações em relação ao meio em que estão inseridos.

O debate sobre o tema da preservação patrimonial deve ser estimulado entre os alunos de maneira a despertar sua atenção para a importância do patrimônio cultural de sua região. Nesse sentido, o do Museu do Homem do Curimataú na cidade de Cuité pode ser aproveitado como um pontapé inicial para uma melhor visão sobre o tema. Reconhecer o Museu como patrimônio, conhecer a sua história contribui para que seja possível a valorização daquele monumento enquanto lugar de memória.

A partir do momento em que se demonstra a preocupação em reunir os objetos que fazem parte do patrimônio material estimula-se a curiosidade por descobrir tudo o que fazia parte do contexto e do cotidiano em que aquele objeto estava inserido, de forma que seja estimulada a busca por memórias para rememorar e reconhecer as histórias que permearam o cotidiano do momento em que se conviveu com aquele objeto, assim o patrimônio imaterial da cidade, através das memórias e das histórias é também posto em voga.

Refletir a relação entre preservação do patrimônio e a cidadania cultural se mostra importante, na medida em que a preservação dos bens culturais constituirá a identidade cultural daquela sociedade estimulando o exercício da cidadania, um dos principais objetivos para o ensino médio. Para compreendermos a cidadania cultural deve-se saber que

(...) a **CIDADANIA** implica ao mesmo tempo em direito (de estabelecer livremente as regras da convivência interpessoal, política, sócio econômica, cultural e ecológica) e em dever (de respeitar e zelar por essas normas de convivência que os próprios cidadãos e cidadãs estabelecem, diretamente ou através de representantes legítimos) (Medeiros, 2002, p, 28 apud LOPES, grifo do autor.).

É importante destacar que ao atentar o aluno para a preocupação em preservar o patrimônio cultural, é possível contribuir para a sua formação cidadã, onde ele pode ter consciência dos direitos e deveres que lhes são conferidos. Como já ressaltado, a cidadania cultural é possível a partir do reconhecimento da cultura e dos bens culturais, da questão da preservação. O exercício da cidadania cultural levará nossos alunos a compreenderem a sua responsabilidade enquanto cidadão de preservar os bens culturais que contribuem para a construção e reconhecimento de sua própria identidade através da relação entre o patrimônio e a memória.

E por que a memória é importante na construção da identidade e da cidadania cultural? Ora, é a memória dos habitantes que faz com que eles percebam, na fisionomia da cidade, sua própria história de vida, suas experiências sociais e lutas

cotidianas. A memória é, pois, imprescindível na medida em que esclarece sobre o vínculo entre as gerações e o tempo histórico que as acompanha. (ORÍÁ, 2006, p.139).

Para ser possível o contato do aluno com a memória da sua cidade e a compreensão do patrimonial cultural é necessário para o professor repensar sua prática, observando a ação educativa como oportunidade de proporcionar aos alunos a experiência do processo investigativo na produção do conhecimento, pois

A memória ao remeter os sujeitos a experiências compartilhadas que favorecem o sentido de pertencimento e descentração do sujeito de sua posição individual pode e deve ser sustentada e estimulada enquanto objeto de ensino central à promoção de aprendizagens históricas significativas (MATTOZZI, 2008 *apud* MIRANDA, 2009, p. 57).

Quando o aluno assume o papel principal para a realização das atividades é possível para ele perceber uma nova perspectiva do processo de ensino-aprendizagem. Ou seja, a história passa a ser vivida através da observação, da pesquisa e supera a visão do saber histórico escolar atrelado ao conteúdo do livro didático apenas. *“As novas pesquisas e experiências educacionais têm salientado a redefinição dos papéis e das relações que se estabelecem entre professores, alunos e conhecimento no espaço da sala de aula.”* (FONSECA, 2003, p.102)

Neste contexto busca-se compreender o conhecimento como resultado de uma construção coletiva onde, juntos, professores e alunos, interagem de maneira ativa estabelecendo novas relações no ambiente escolar.

A construção de conhecimentos nos espaços escolares é uma ação coletiva. O desenvolvimento cultural implica em uma ação coletiva. Coletiva não quer dizer que tudo tenha que ser feito em conjunto, no mesmo tempo e no mesmo espaço. Quer dizer que há interação entre sujeito e conhecimento, mediado pela presença do professor. Coletiva implica dizer também que professores e alunos sujeitos do processo educativo na escola estabelecem diferentes níveis e processos interativos no desenvolvimento (FONSECA, 2003, p. 103).

Fonseca (2003) ainda propõe a metodologia de projetos como busca de outra concepção pedagógica, de outra perspectiva no ato de planejar e ensinar, enfatizando a importância da característica socializadora através do trabalho em grupo além de propiciar a educação para a cidadania.

O uso educacional do patrimônio cultural deve ser feito com o objetivo de desenvolver nos alunos capacidades intelectuais, a fim de que possam compreender e construir conceitos e desenvolver habilidades como observar, ler, comparar,

indagar, sugerir, entre outras. Esse desenvolvimento deve ocorrer a ponto de que o aluno possa utilizar seus conhecimentos na prática cotidiana, o que o levará a um processo de autonomia intelectual pela possibilidade de aquisição de condições para compreender e elaborar novos conceitos e habilidades por si próprio (AZEVEDO, 2010, p. 304 - 305).

Ao propor uma ação educativa a partir do Museu do Homem do Curimataú, pretendeu-se despertar o interesse do aluno não só pelo espaço do museu, mas para a possibilidade de desenvolver suas habilidades, além da reflexão sobre a importância da preservação do ambiente em que ele vive e do patrimônio que resguarda a memória do seu lugar. Compreendendo assim o seu lugar enquanto sujeito na História, desconstruindo a visão positivista da História como resultado dos documentos oficiais, das datas, dos heróis, entre outros.

A história ensinada tinha como fundamento teórico a historiografia tradicional positivista, europocêntrica e linear, organizada com base em marcos/fatos da política institucional, numa sequência cronológica causal. [...] Trata-se de uma história que tem como lógica constitutiva a ideia do progresso como algo global, positivo e inevitável. A história tem um início, um meio e um fim determinados; não há brechas para as contingências e descontinuidades (FONSECA, 2003, p. 90).

É necessário, portanto, superar esta visão acerca da história e isso só se torna possível quando todos assumem seu papel no devir da História, logo, seu papel social, reconhecendo-se enquanto cidadão. “*É na história da história que foram construídas as bases de uma outra possibilidade de ensinar e aprender história.*” (FONSECA, 2003, p. 36).

A história faz-se com documentos escritos, sem dúvida. Quando estes existem. Mas pode fazer-se, deve fazer-se sem documentos escritos, quando não existem. Com tudo o que a habilidade do historiador lhe permite utilizar para fabricar o seu mel, na falta das flores habituais. Logo, com palavras. Signos. Paisagens e telhas. Com as formas do campo e das ervas daninhas. Com os eclipses da lua e a atrelagem dos cavalos de tiro. Com os exames de pedras feitos pelos geólogos e com as análises de metais feitas pelos químicos. Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, depende do homem, serve ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem. (FEBVRE, 1949 p.428 apud LE GOFF, 2003, p. 530).

Neste contexto, o saber histórico se faz presente no cotidiano, nas memórias, está nas relações sociais. Aprender história implica numa nova perspectiva superando a manutenção de uma visão histórica voltada para os fatos, os grandes acontecimentos, os heróis. Pois, é esta visão acerca da história que “... *nossos alunos detestam, pois com razão: essa História nada lhes diz respeito uma História distante de seu tempo presente, de suas experiências de vida, de suas expectativas e desejos... Sim, pois História também é emoção e vida.*” (ORIÁ, 1995, p. 45) Desta maneira, “*o que se pretende é ultrapassar a concepção de ensino como mera*

*transmissão de conteúdos, e desenvolver um ensino que tenha como pressupostos a investigação e a produção de conhecimentos por professores e alunos no espaço escolar.”* (FONSECA, 2003, p. 103).

A partir do Museu do Homem do Curimataú buscou-se proporcionar uma nova experiência refletindo o ensino de história sob o viés da educação patrimonial, atentando para participação dos alunos no processo de ensino aprendizagem, para que seja possível compreender os processos históricos e suas influências em nossa sociedade, bem como desenvolver o senso crítico dos alunos e colaborar para o desenvolvimento de sua cidadania. Perceber a história a partir dos dispositivos de memória pode contribuir para a valorização e desenvolvimento de um sentimento de pertencimento no qual a preocupação em preservar o patrimônio histórico seja vista como algo necessário para a manutenção da memória do lugar onde se vive e de sua própria identidade.

### CAPÍTULO 3: O MUSEU COMO ESTRATÉGIA DIDÁTICA

Inicialmente é pertinente apresentar brevemente a história da Escola Estadual de Ensino Médio Orlando Venâncio dos Santos localizada na cidade de Cuité, escolhida para o desenvolvimento das atividades que resultaram neste trabalho.

Criada em 13 de outubro de 1970, no governo de João Agripino Filho, no ano 1976, a escola passou a ser denominada “Colégio Estadual de 1º e 2º Graus de Cuité”. Somente em 1997 passou a ser denominada com o nome do doador do espaço onde está localizada a escola, Orlando Venâncio dos Santos, que nasceu em Cuité em 26 de Janeiro de 1926, filho de Jeremias Venâncio dos Santos e Francisca Emília da Fonseca Santos. Formou-se em direito pela Faculdade do Recife em 1952. Foi advogado, professor, procurador-geral (1962 - 1988) e prefeito municipal de Cuité (1955 - 1958). Foi um dos fundadores do Instituto América e também seu diretor no período entre 1958 a 1969. Neste ano o Instituto América encerrou suas atividades e seu prédio foi doado ao governo do Estado da Paraíba para que fosse instalado o colégio Estadual de Cuité que mais tarde, através do decreto de lei 6.542 de 10 de outubro de 1997, passou a se chamar Escola Estadual de Ensino fundamental e Médio Orlando Venâncio dos Santos.

A escola oferece o ensino médio atrelado ao Programa de Ensino Médio Inovador<sup>7</sup> no turno diurno ofertado para uma média de 475 alunos e o ensino médio regular e na modalidade da Educação de Jovens e Adultos no turno noturno ofertado para 495 alunos. Sua estrutura física conta com 13 salas de aulas, dois laboratórios de informática (um para uso dos professores e outro para alunos), laboratório de ciências, biblioteca, refeitório e ampla área para recreação.

---

<sup>7</sup>O Programa Ensino Médio Inovador- ProEMI, instituído pela Portaria nº 971, de 9 de outubro de 2009, integra as ações do Plano de Desenvolvimento da Educação – PDE, como estratégia do Governo Federal para induzir a reestruturação dos currículos do Ensino Médio. O objetivo do ProEMI é apoiar e fortalecer o desenvolvimento de propostas curriculares inovadoras nas escolas de ensino médio, ampliando o tempo dos estudantes na escola e buscando garantir a formação integral com a inserção de atividades que tornem o currículo mais dinâmico, atendendo também as expectativas dos estudantes do Ensino Médio e às demandas da sociedade contemporânea. Os projetos de reestruturação curricular possibilitam o desenvolvimento de atividades integradoras que articulam as dimensões do trabalho, da ciência, da cultura e da tecnologia, contemplando as diversas áreas do conhecimento a partir de 8 macrocampos: Acompanhamento Pedagógico; Iniciação Científica e Pesquisa; Cultura Corporal; Cultura e Artes; Comunicação e uso de Mídias; Cultura Digital; Participação Estudantil e Leitura e Letramento.

Texto disponível em <[http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=13439](http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=13439)>. Acesso em 20/04/2014.

Com a participação de uma turma de 32 alunos da primeira série do ensino médio inovador este trabalho buscou compreender a representação “*entendida como relação entre uma imagem presente e um objeto ausente*” (CHARTIER, 1991, p. 184), do Museu do Homem do Curimataú como patrimônio histórico para os alunos, incentivando-os a conhecer a história daquele espaço, bem como refletir sobre a história da cidade de Cuité através do documentário “Conversando com o passado” apresentado pelo grupo de estudantes participantes do pibic da Universidade Federal de Campina Grande – campus Cuité.

### 3.1 Observando o Museu do Homem do Curimataú

As discussões acerca da importância da história foram utilizadas inicialmente em sala de aula para perceber as concepções dos alunos acerca do termo História e de seus conhecimentos sobre as fontes históricas e o saber histórico. A partir destes pontos foi realizada a primeira visita ao Museu do Homem do Curimataú.

O objetivo desta visita (ver figuras 1 e 2) foi analisar os objetos do acervo do museu enquanto fontes históricas percebendo-os como artefatos que possuem uma memória relativa ao período em que existiu e desta forma pode rememorar a identidade da sociedade naquele momento histórico.

Essa dimensão social da memória e da identidade explica também por que não podemos considerar identidade como um dado pronto, um produto social acabado; ao contrario, a identidade tem que ser percebida, captada e construída e em permanente transformação, isto é, enquanto processo. Logo a identidade pressupõe um elo com a história passada e com a memória do grupo (FELIX,2004,p. 40).

A percepção de um objeto enquanto fonte histórica é importante para que haja a possibilidade de compreensão do saber histórico e da necessidade de memória para construção da identidade. A partir desta observação foi possível compreender os diferentes tipos de fontes históricas e a contribuição destas para se conhecer a história.

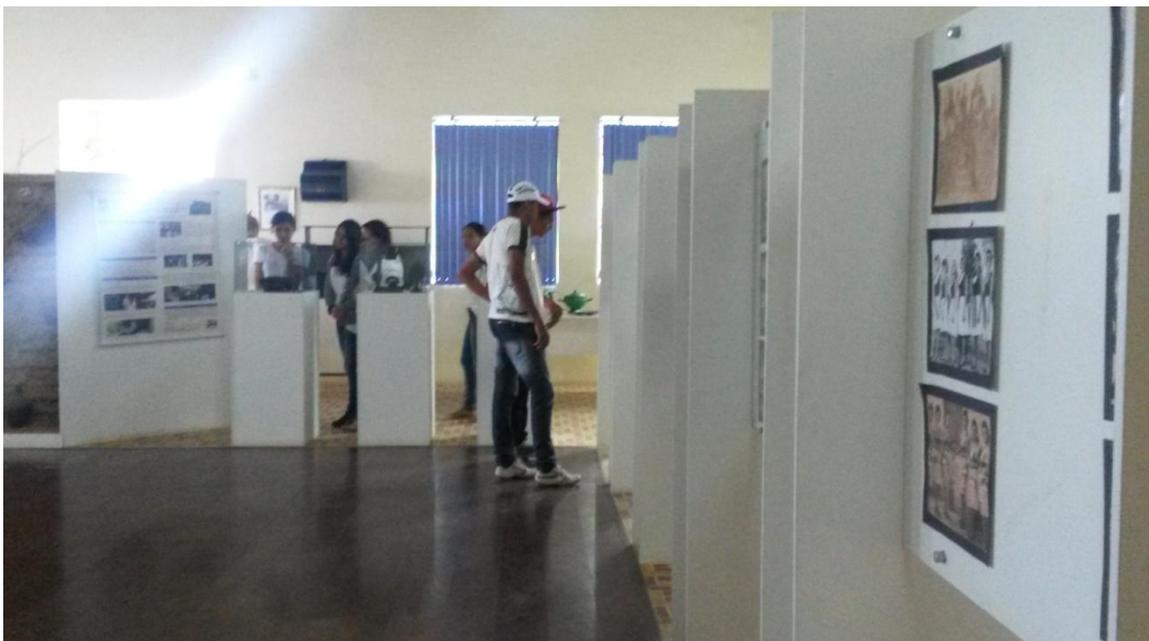


Figura 1: Alunos observando o acervo do MHC.



Figura 2: Alunos ouvindo explicações de André, orientador do MHC.

A observação destes objetos foi importante para demonstrar que a conservação e a preservação das fontes históricas estão relacionadas à preservação da própria memória.

Após a visita, foi aplicado um questionário (ver anexo 1) para conhecer o perfil dos alunos que participaram desta atividade. Como pode ser observado no gráfico 1 a faixa etária dos alunos participantes varia entre 13 e 17 anos, dos quais a maioria, 50%, têm 15 anos, enquanto 25% têm 16 anos.

Outra questão abordada foi sobre a área de residência dos alunos. Como se pode observar no gráfico 2, a grande maioria, 79% residem na zona urbana, enquanto 21% dos

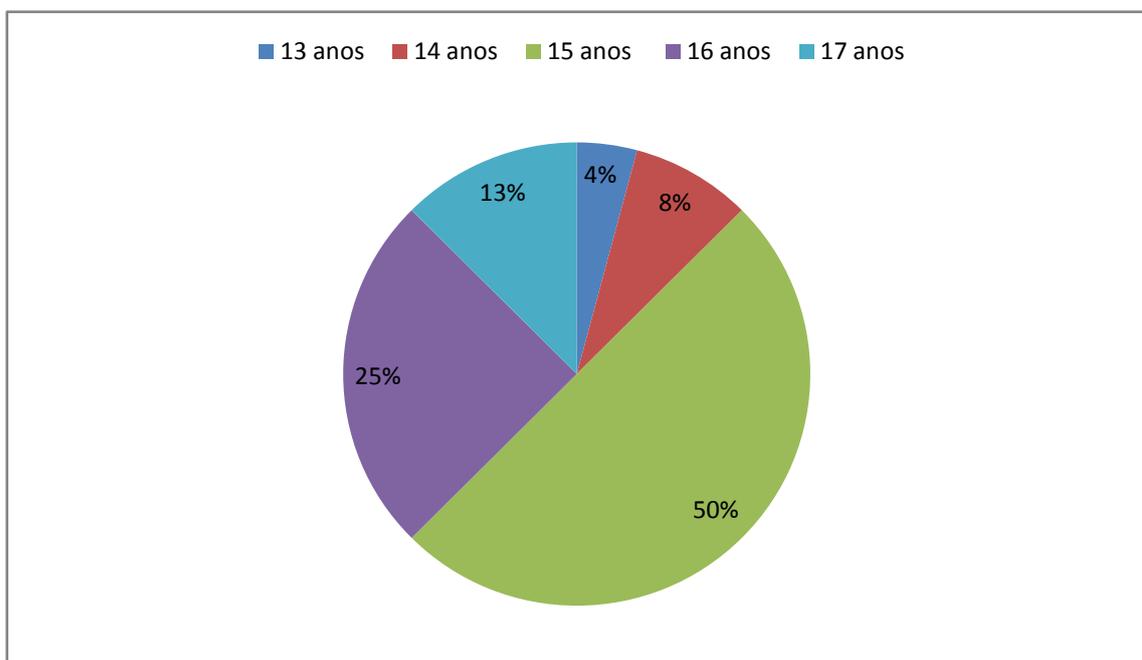
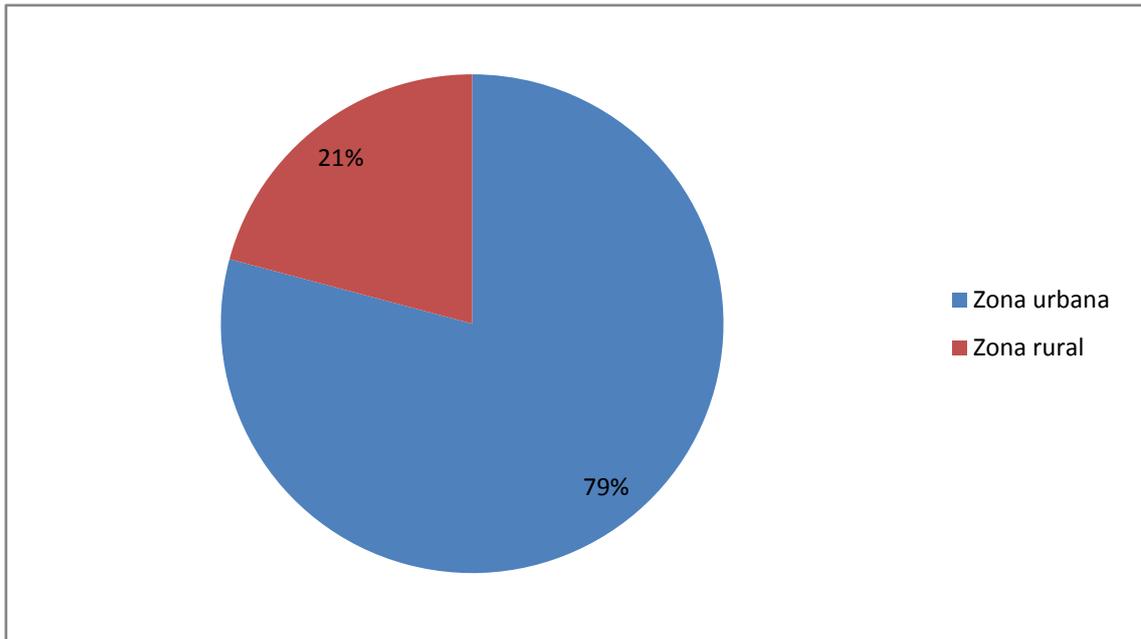


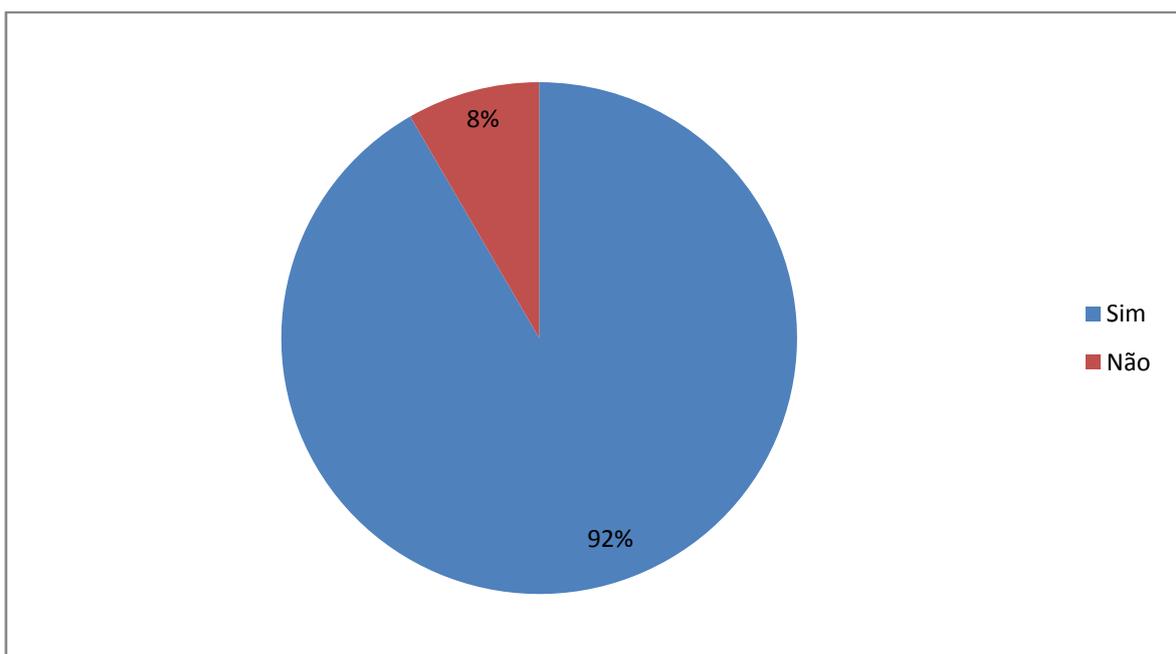
Gráfico 1: Faixa etária.



**Gráfico 2: Área de residência.**

alunos residem na zona rural. Estes dados demonstram uma característica interessante da escola Orlando Venâncio, pois, apesar de estar localizada em perímetro urbano possui uma demanda relevante de alunos provenientes da zona rural.

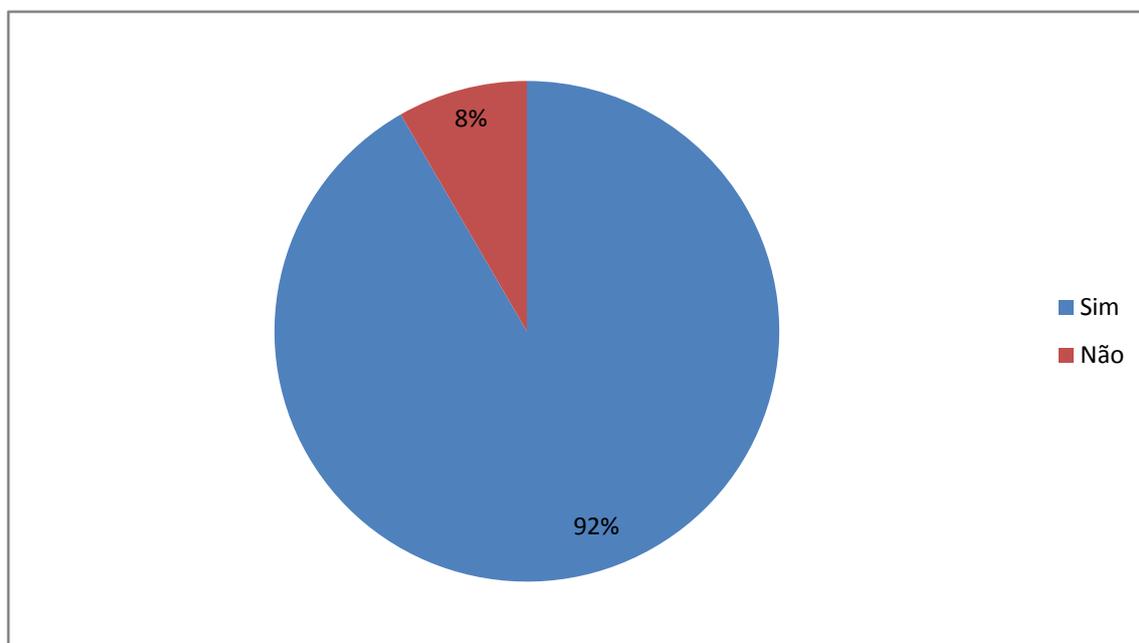
Nesse sentido além de conhecer o perfil dos alunos a partir da faixa etária e da localidade da residência foi questionado se estes alunos já haviam visitado o Museu do Homem do Curimataú em outras oportunidades antes desta atividade, a grande maioria, 92% (ver gráfico 3) afirmaram já ter visitado o Museu do Homem do Curimataú enquanto apenas 8% afirmaram ter sido a primeira vez a realizarem esta visita.



**Gráfico 3: Já visitou o Museu do Homem do Curimataú?**

Alguns perceberam mudanças no museu entre a primeira vez que visitaram e nesta visita, ao responderem a questão se já haviam visitado o museu um dos alunos destacou uma visita feita no 8º ano do ensino fundamental: “*Sim, fui com a sala do 8º quando estudava no (sic) Julieta, foi legal, mas não tinha tanta coisa como agora*” (aluno A). Além disso, destacaram a oportunidade de conhecer os objetos antigos, a história, “*viajar no tempo*” (aluno B). Outro destacou que foi “*uma experiência nova pra (sic) mim, ver peças antigas me fez pensar como era o passado de Cuité, costumes, trabalhos e outras coisas.*” (aluno C). Isso demonstra como a visita colaborou para que o aluno pudesse refletir sobre a história a partir da perspectiva local, a História Local, percebendo que o lugar em que ele vive também possui uma história. O autor José D’Assunção Barros destaca o surgimento da história local

Se Fernando Braudel trabalhou com o ‘grande espaço’, as gerações seguintes de historiadores trouxeram também a possibilidade de uma nova tendência que abordaria o ‘pequeno espaço’. Esta nova tendência, que se fortalece nos anos 1950, ficou conhecida na França como ‘História Local’. [...] A História Local nasce, aliás, como possibilidade de confirmar ou corrigir as grandes formulações que haviam sido propostas ao nível das histórias nacionais. A História Local – ou História Regional, como passaria a ser chamada com um sentido um pouco mais específico – surgia precisamente como a possibilidade de oferecer uma iluminação em detalhe de grandes questões econômicas, políticas, sociais e culturais que até então haviam sido examinadas no âmbito das nações ocidentais.<sup>8</sup>



**Gráfico 4: Você sabe o que é patrimônio histórico?**

<sup>8</sup>Texto disponível em <<http://campodahistoria.blogspot.com.br/2011/01/historia-local.html>> Acesso em 11 de março de 2014.

A História Local como possibilidade do trabalho historiográfico valoriza os aspectos cotidianos e garante às memórias, aos artefatos, aos patrimônios, lugar neste saber histórico. É nesse sentido que a observação do Museu enquanto fonte histórica deve demonstrar aos alunos que a história pode ser feita a partir de diversos aspectos e podem estar bem próximos a eles.

Um dado que chamou a atenção foi a semelhança das respostas as questões “Você já havia visitado o Museu do Homem do Curimataú” e “Você sabe o que é patrimônio histórico?” relativas aos gráficos 3 e 4, respectivamente, 92% dos entrevistados afirmaram positivamente as duas questões e somente 8% responderam que não. Ao ter acesso ao Museu e percebê-lo como um lugar que resguarda a memória da cidade a questão do patrimônio se apresenta, ao conhecer o patrimônio histórico e ter a possibilidade de relacioná-lo com a sua identidade é possível reconhecer a necessidade de preservação. Nesse sentido, ao responderem sobre a importância do patrimônio histórico destacaram a relação entre o passado e futuro: *“é muito importante para que no futuro possam saber como foi e como era (sic) as histórias antigas e reconhecer um pouco sobre o museu de Cuité.”* (aluno D).

Sobre a questão visitar um museu histórico ajuda no estudo da história? Foi respondido que *“com certeza, pois preserva a cultura passada, modos de pensar para que as futuras gerações possam se espelhar e melhorar seus próprios valores”*. (aluno E) e destacada a importância do museu: *“para mim a importância do museu é muita (sic) pois o museu é um centro difusor de conhecimento da nossa cultura e história de pessoas e da cidade”* (aluno F).

Atravessar a rua da escola e vivenciar a história a partir do Museu do Homem do Curimataú proporcionou um momento de aproximação dos alunos com o saber histórico a partir de diversas perspectivas. Observar os artefatos em exposição e ouvir as suas histórias provocou a curiosidade dos alunos e dessa forma pode contribuir para que seja possível uma nova forma de pensar o estudo da história.

### 3.2 Alunos e pesquisa: Investigando o Museu

Após a realização desta primeira etapa, foi proposta aos alunos uma atividade de pesquisa em que os alunos fossem a campo descobrir a história da fundação do Museu do Homem do Curimataú. O objetivo desta atividade foi proporcionar a produção do conhecimento a partir da participação efetiva dos alunos na busca pelas informações proposta na atividade.

Divididos em grupos, os alunos teriam que responder as seguintes perguntas:

- Quando foi criado o Museu do Homem do Curimataú?
- Por quem?
- De onde vieram os objetos expostos?
- Por que foi escolhido este prédio?
- O que funcionava no prédio que hoje sedia o museu?
- O museu pode ser considerado um patrimônio histórico de Cuité?

O resultado desta atividade foi bastante positivo, proporcionar ao aluno a experiência da pesquisa de campo é interessante e mostra outra possibilidade de conhecer e saber sobre a história. Ao pesquisar sobre o tema proposto os alunos tiveram a possibilidade de perceber a memória enquanto fonte histórica, já que a partir das lembranças dos entrevistados é que eles poderiam responder as questões da atividade.

No dia proposto para a entrega da atividade os grupos trouxeram os resultados da sua



Figura 3: Museu do Homem do Curimataú. Imagem disponível em: <http://israelaraujocuite.blogspot.com.br/2011/07/visite-o-museu-do-homem-do-curimatau.html>

pesquisa e a partir deles foi discutida em sala de aula a relação entre museu e do patrimônio.

Inaugurado em 11 de Março de 2010 a criação do museu foi resultado da união de pesquisadores da história de Cuité como José Pereira Sobrinho e historiadores como Israel Araújo que apresentaram o projeto e contaram com o apoio da Universidade Federal de Campina Grande – campus Cuité.

Ainda de acordo com as pesquisas dos grupos, os objetos que compõem a exposição foram doados e/ou cedidos por moradores, pelas famílias da cidade, e nesse sentido foi interessante ressaltar a participação da sociedade na constituição daquele espaço enquanto lugar de memória contribuindo com objetos que ao sair da intimidade das casas, coleções e esquecimento ganharam a oportunidade de narrar a história da cidade através da exposição no Museu do Homem do Curimataú.

O prédio escolhido para a instalação do museu também possui uma significação histórica, pois ali era localizado o Cuité Clube. Este clube pertencia a uma associação que foi muito importante para a sociedade cuiteense. Neste local eram realizados diversos eventos em que a elite da sociedade cuiteense participava. Desta forma as memórias daquele lugar também são lembradas ao se visitar o Museu do Homem do Curimataú e isto é importante já que o prédio, que se encontrava abandonado, também registra a história da cidade, principalmente as lembranças das festas sociais, bailes de debutantes e de carnavais. Por tudo isso, e além de estar localizado em uma região central e movimentada da cidade, foi proposta a instalação do Museu do Homem do Curimataú naquele espaço, constituindo-o como locus de identidade cultural da cidade.

A partir destes resultados foi possível discutir a importância da preservação do patrimônio histórico tomando como referência o processo de criação e instalação do Museu do Homem do Curimataú na cidade de Cuité. Percebendo o patrimônio como uma possibilidade de preservação da própria cultura cuiteense e contribuindo como fonte de pesquisa. Propor a prática da investigação garantiu outra possibilidade na construção do conhecimento e apresentou aos alunos informações e histórias as quais eles não conheciam.

### 3.3 Conversando com o passado

A última etapa das atividades propostas foi a apresentação do projeto “Conversando com o passado”, um documentário produzido pelos alunos do pibic – UFCG que teve como tema central a saúde, e buscou através de entrevistas conhecer as formas de cuidar e se ter acesso a saúde em Cuité através do tempo.



Figura 5: Alunos chegando ao MHC para apresentação do documentário "Conversando com o passado."



Figura 4: Estudantes apresentando o projeto.

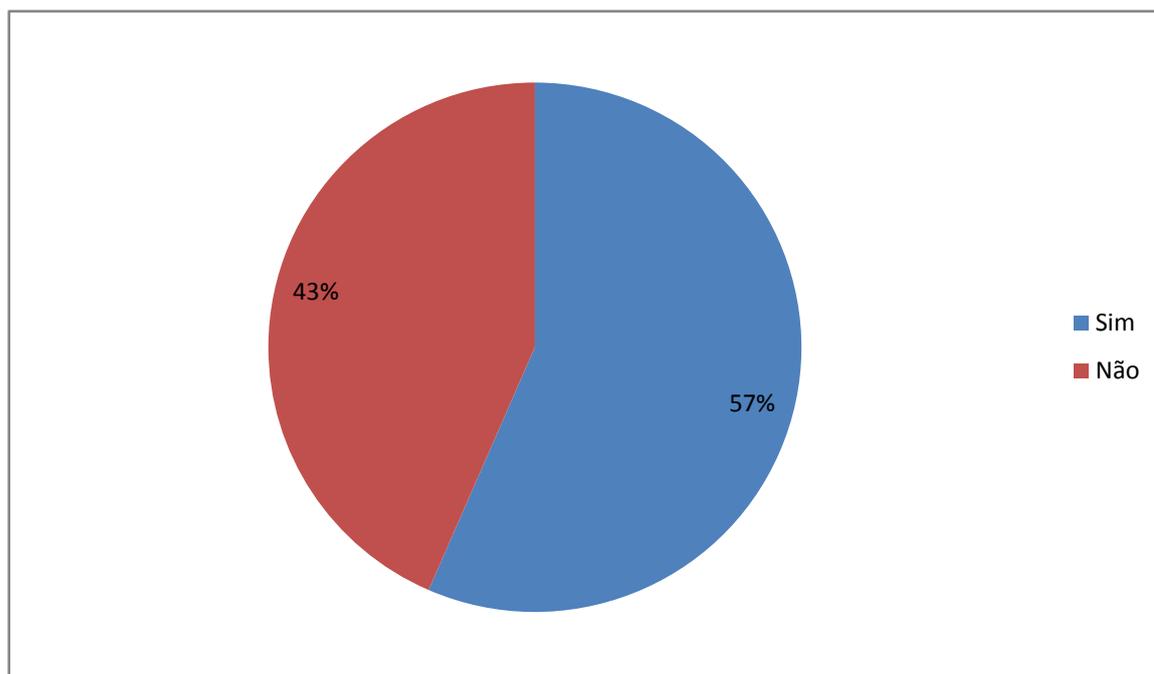
Esta oportunidade foi interessante para possibilitar ao aluno compreender que o saber histórico pode estar presente nos estudos de outras áreas do conhecimento e ajudar a perceber as mudanças vividas ao longo do tempo. No caso desta apresentação eles puderam saber a partir dos discursos de médicos e outras pessoas ligadas a saúde como eram os procedimentos médicos, acesso a medicamentos em outras épocas e refletir sobre estes pontos no seu próprio dia-a-dia.



**Figura 7: Alunos assistindo o documentário.**



**Figura 6: Debate dos organizadores após a apresentação.**



**Gráfico 5: Você conhece algum documentário sobre a história de Cuité.**

Após a apresentação do documentário foi aplicado um questionário (ver anexo 2) para verificar a recepção desta atividade pelos alunos. Buscou-se verificar o que mais chamou a atenção durante a exibição do documentário e o que foi mais interessante para eles nas informações contidas nesta produção.

De acordo com o gráfico, 57% dos alunos afirmaram já conhecerem algum documentário que retrate a história de Cuité, no entanto, 43% afirmaram que nunca haviam assistido algo relacionado a esta temática demonstrando interesse em conhecer algo do tipo: *“nunca assisti, mas acharia bem interessante saber um pouco sobre Cuité e conhecer um pouco de sua história!”* (aluno G).

Todos afirmaram que a apresentação foi interessante, destacando *“as formas em que pessoas cuidavam da saúde. As rezadeiras, as parteiras.”* (aluno H) Além de chamar a atenção para *“o ato deles terem muita fé quando eram rezados, a naturalidade.”* (aluno I) Assim, os alunos puderam verificar como eram os costumes de outras épocas e compreender as dificuldades em que as pessoas passaram a partir do depoimento dos próprios médicos e de figuras como a parteira e o farmacêutico que eram bastante importantes no contexto médico local. Desta maneira foi possível refletir sobre o presente através dos depoimentos presentes no documentário e conhecer a realidade de outras épocas no que diz respeito as formas de cuidar e de se ter acesso à saúde em outras épocas na cidade de Cuité.

Esta experiência foi importante para o ensino de história, pois, foi possível demonstrar para o aluno que a história pode ser feita a partir das histórias locais, utilizando a memória

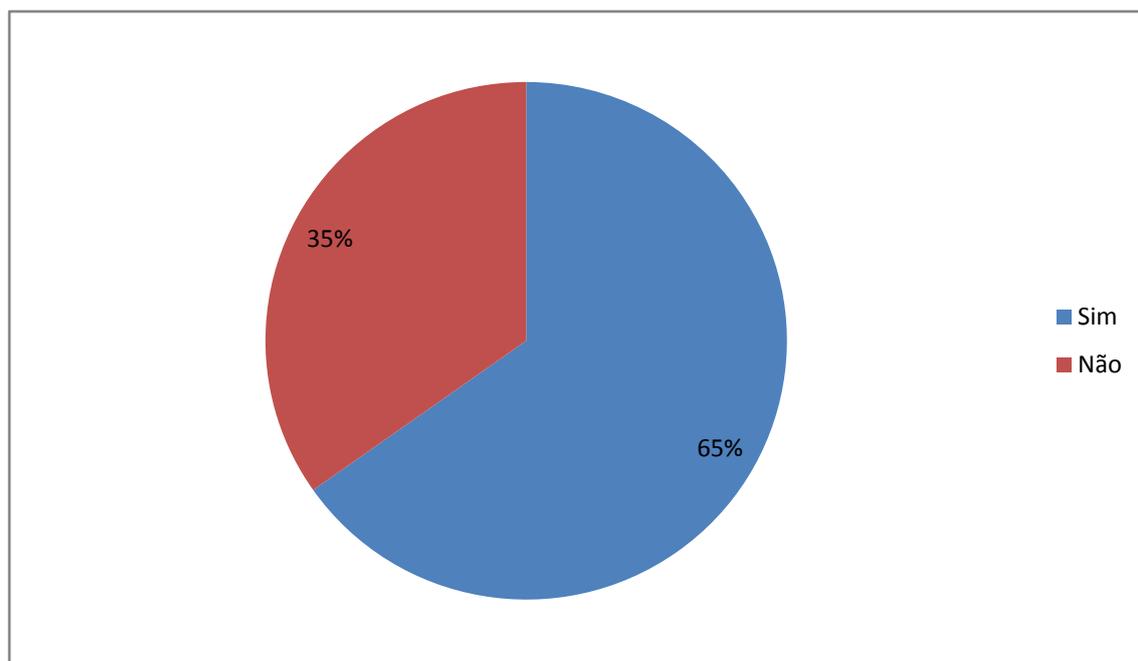


Gráfico 6: Você gostaria de participar de atividades no MHC?

como fonte de pesquisa. No caso do documentário apresentado a história se apresenta experiências vividas, nas memórias dos entrevistados, e a partir da temática relativa a saúde foi possível fazer história sobre a sociedade cuieteense. A perspectiva da História Local proporciona um novo olhar sobre a história e valoriza tudo o que pode contribuir para o processo de construção do saber histórico. A memória como fonte histórica é valorizada nos discursos, nas entrevistas e demonstra que todos podem contribuir para resgatar a identidade local. Como já foi discutido anteriormente, é possível, a partir de ações educativas ampliar o conhecimento dos alunos estimulando a sua curiosidade e sua participação através de oportunidades de construção do saber diversificadas considerando a riqueza que os patrimônios materiais e imateriais possuem enquanto fonte histórica.

Despertar o interesse e a curiosidade dos alunos é o ponto de partida para que seja possível uma maior participação destes e uma melhoria no processo de ensino-aprendizagem. Isto pode ser percebido através do gráfico 6, onde 65% dos alunos afirmaram que gostariam de participar de atividades no Museu, ou seja, a partir desta experiência eles voluntariamente demonstraram que gostariam de participar de outros momentos em que fosse possível construir o conhecimento de maneira mais participativa.

Todos ainda confirmaram que o Museu deve ser utilizado para desenvolver atividades escolares e culturais, além de considerar o patrimônio importante para a história. Considerando que se deve preservar o patrimônio “*sem quebrar, depredar, pixar. E mantê-los como patrimônio histórico cultural para sabermos no futuro como era o passado.*” (aluno J)E

*“evitar o vandalismo, aumentar a segurança, fazer trabalho de conscientização do povo.”* (aluno K). A educação patrimonial deve alertar para a importância da preservação para que seja possível manter as memórias e garantir que o patrimônio cultural faça parte da identidade sendo reconhecido e mantido enquanto parte da história da cidade. É necessário, portanto, *“continuar fazendo pesquisas sobre a história de Cuité e informando mais (sic) a população da história da nossa cidade.”* (aluno L).

Enfim, ao se desenvolver ações educativas a partir da questão patrimonial deve-se contribuir para a formação crítica dos alunos e levá-los a compreender a importância de cada um na preservação da memória e da história do lugar em que se vive.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreender que o espaço da sala de aula não basta para que seja possível uma aprendizagem significativa é um dos primeiros passos para se trilhar os caminhos da educação patrimonial. O objetivo do desenvolvimento de ações educativas utilizando o patrimônio deve ser possibilitar ao aluno experiências diversificadas em que ele seja capaz de desenvolver suas habilidades atentando para a importância do ensino de história na sua construção enquanto sujeito, contribuindo para ampliar sua visão de mundo e a consciência do seu papel enquanto cidadão.

A partir do reconhecimento do patrimônio histórico o aluno deve ser capaz de compreender a sua importância para o reconhecimento da identidade da sociedade na qual ele está inserido e compreender as mudanças que existem ao passar do tempo. O museu enquanto patrimônio histórico contribui para refletir as mudanças sociais que levaram aquele espaço utilizado como clube haver sido abandonado e resgatado para salvaguardar a memória da cidade, além disso, sua exposição desperta para diversas questões que geram a curiosidade dos visitantes a conhecerem e se reconhecerem naquela história.

Utilizar o Museu do Homem do Curimataú para refletir a questão da preservação do patrimônio histórico foi uma oportunidade de garantir aos alunos um momento de aproximação com a história do seu próprio lugar. E, nesse sentido, levá-los a compreender a necessidade de se preservar os patrimônios históricos como garantia de preservar as memórias, a sua identidade.

Enfim, é necessário aproximar o aluno de outras possibilidades de estudar a história. Observar o patrimônio histórico material e imaterial como fonte de pesquisa se mostra uma chance de conseguir dinamizar o ensino de história além de contribuir para a formação cidadã destes alunos que passarão a reconhecer a importância da preservação para garantia da sobrevivência das memórias que constituirão sua identidade. É no caminho da valorização que a educação patrimonial deve levá-los, conhecendo, preservando e guardando seus patrimônios.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Adriana Mortara. VASCONCELLOS, Camilo de Mello. Por que visitar museus. IN: BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 11ª Ed. São Paulo: Contexto, 2006. p. 104 – 116.

AMORIM, Simone Rodrigues. **A abordagem da Cidadania Cultural na Formulação do Plano Nacional do Livro e Leitura – PNLL**. Rio de Janeiro: CPDOC-PPHPBC; Fundação Getulio Vargas, 2009. 97p. Disponível em <<http://bibliotecadigital.fgv.br/dspace/bitstream/handle/10438/2697/CPDOC2009SimoneRodriguesAmorim.pdf>> Acesso em 25 de Janeiro de 2014.

AZEVEDO, C. B. Educação patrimonial, ação educativa em museu e ensino-aprendizagem em história. **Akrópolis Umuarama**, v. 18, n. 4, p. 299-314, out./dez. 2010 <<http://revistas.unipar.br/akropolis/article/viewFile/3301/2281>> Acesso em 20 de Janeiro de 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Humanas e suas Tecnologias - Ensino Médio**. Brasília, MEC/SEB, 2000.

BOMENY, Helena M. B., Três decretos e um ministério: a propósito da educação no Estado Novo. IN: PANDOLFI, Dulce (org.). **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1999, p. 137 – 166.

CERTEAU, Michel de. **A Escrita da história**/Michel de Certeau; tradução de Maria de Lourdes Menezes ;\*revisão técnica [de] Arno Vogel.– Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Estudos avançados**. vol.5 nº. 11. São Paulo Jan./Abr. 1991. Disponível em <<http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141991000100010>> Acesso em 20 de Fevereiro de 2014.

CHOAY, Françoise. Introdução. In: **A alegoria do patrimônio**. São Paulo: Editora UNESP, 2001. p. 11 – 29.

COELHO, Maria das Graças Pinto. **Cidadania cultural: uma lícita reinvenção da rede imaginária global**. Trabalho apresentado ao XXVI Congresso Brasileiro de Ciência da Comunicação. Minas Gerais, 2003. Disponível em: <[http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003\\_NP11\\_coelho.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2003/www/pdf/2003_NP11_coelho.pdf)> Acesso em 25 de Janeiro de 2014.

COSTA, Rodrigo Vieira. Cultura e patrimônio cultural na Constituição da República de 1988– a autonomia dos direitos culturais. **Revista CPC**, São Paulo, n. 6, p. 21-46, maio

2008/out. 2008. Disponível em <<http://www.revistasusp.sibi.usp.br/pdf/cpc/n6/a03n6.pdf>> Acesso em 25 de Janeiro de 2014.

DUARTE, Ana Patrícia; LIMA, Maria Luísa. Análise dos conteúdos da identidade associada ao lugar. **Psicologia**, Lisboa, v.19, n.1-2, 2005. Disponível em <[http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0874-20492005000100009&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.gpeari.mctes.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0874-20492005000100009&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em 20 de Abril de 2014.

FÉLIX, Loiva Otero. **História e memória: a problemática dos lugares**. 2 ed. Passo Fundo: UPF, 2004.

FONSECA, Selva Guimaraes. **Didática e prática do ensino de História: experiências, reflexões e aprendizados**. Campinas: Papirus, 2003.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro, 2006. p. 29 – 70.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2002.

HORTA, Maria de Lourdes Parreira. **A memória pública: os lugares de memória**. IN: **Memória, patrimônio e identidade**. Boletim 04, Abril de 2005. TV Escola. Ministério da Educação.

KESSEL, Zilda. **Memória e memória coletiva**. Disponível em <<http://www.museudapessoa.net/adm/Upload/291I6110920121916535P032.pdf>> Acesso em: 20 de janeiro de 2014.

LE GOFF, Jacques. “Documento/Monumento” In: **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão... [et al.]. 5ª edição, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2003, p. 530 - 553.

LEMOS, Carlos A. C. **O que é patrimônio histórico**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 115.

LOPES, Leontina Pereira. **A construção do conceito de cidadania para uma cultura de Paz em adolescentes**. Disponível em <[http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.7/GT7\\_1\\_2004.pdf](http://www.ufpi.br/subsiteFiles/ppged/arquivos/files/eventos/evento2004/GT.7/GT7_1_2004.pdf)> Acesso em 20 de Janeiro de 2014.

MEDEIROS, Mércia Carréra. SURYA, Leandro. A importância da educação patrimonial para a preservação do patrimônio. In: CHUVA, Márcia. NOGUEIRA, Antônio Gilberto Ramos (org.) **Patrimônio cultural: políticas e perspectivas de preservação no Brasil**. Rio de Janeiro: Mauad X: FAPERJ, 2012, P. 293 – 301.

MIRANDA, Sonia Regina. História, memória e formação de professores. IN: FONSECA: Selva Guimarães. (Org.) **Ensinar e aprender história: formação, saberes e práticas educativas**. Campinas: Editora Alínea, 2009, p. 56 – 71.

MORAES, AllanaPessanha de. **Educação patrimonial nas escolas: aprendendo a resgatar o patrimônio cultural**. Disponível em <[http://www.cereja.org.br/arquivos\\_upload/allana\\_p\\_moraes\\_educ\\_patrimonial.pdf](http://www.cereja.org.br/arquivos_upload/allana_p_moraes_educ_patrimonial.pdf)> Acesso em 21 de Janeiro de 2014.

NORA, Pierre. Entre memória e história: a problemática dos lugares. In: **Projeto História**, São Paulo, dez, 1993. p. 7 – 28.

ORIÁ, Ricardo. Memória e ensino de história. In: BITTENCOURT, Circe. (org.) **O saber histórico na sala de aula**. 11ª Ed. São Paulo, SP: Contexto, 2006. P. 128 - 148.

\_\_\_\_\_. Um lugar na escola para a história oral. **Ensino em (Re)vista**. Jan/dez 1995. P. 43-51.

SCHMIDT, Maria Auxiliadora. CAINELLI, Marlene. O ensino de História fora da sala de aula. IN: **Ensinar história: Pensamento e ação em sala de aula**. São Paulo: Scipione, 2010, p. 149 – 159.

SOUZA, Renilfran Cardozo. **Educação patrimonial: o papel do professor de história na conscientização da salvaguarda do patrimônio cultural**. Disponível em <<http://www.educonufs.com.br/vcoloquio/cdcoloquio/cdroom/eixo%205/PDF/Microsoft%20Word%20%20EDUCAcao%20PATRIMONIAL%20O%20PAPEL%20DO%20PROFESSOR%20DE%20HISToRIA%20NA.pdf>> Acesso em 15 de Fevereiro de 2014.

PACHECO, Ricardo de Aguiar. Educação, memória e patrimônio: ações educativas em museu e o ensino de história. **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 30, nº 60, p. 143-154 – 2010.

## **ANEXOS**

## ANEXO 1

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES****O museu como estratégia didática: uma experiência no Museu do Homem do Curimataú, Cuité – PB.**

1. Quantos anos você tem? \_\_\_\_\_
2. Onde você mora?     ( ) zona urbana     ( ) zona rural
3. Você já havia visitado o Museu do Homem do Curimataú? ( ) Sim     ( ) Não
4. Se sim, como foi a visita para você?

---

---

---

5. Qual a importância do museu para você?

---

---

---

6. Visitar um museu histórico ajuda no estudo da história?

---

---

---

7. O que você mais gostou de conhecer no Museu do Homem do Curimataú? Por que?

---

---

---

---

8. Você sabe o que é patrimônio histórico?     ( ) sim     ( ) não

9. Se sim, qual a importância deste patrimônio?

---

---

---

10. Você acha necessário preservar o patrimônio histórico da cidade?

---

---

## ANEXO 2

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE – UFCG  
CENTRO DE EDUCAÇÃO E SAÚDE – CES****O museu como estratégia didática: uma experiência no museu do homem do curimataú, Cuité – PB.**

1. Você já havia assistido algum documentário sobre a história de Cuité? ( ) sim ( ) não

2. Se sim, o que mais lhe chamou a atenção?

---

---

---

3. Você achou interessante assistir uma produção sobre a história de Cuité no Museu do Homem do Curimataú? ( ) sim ( ) não

4. O que mais lhe despertou o interesse na apresentação do documentário “Conversando com o passado”?

---

---

---

5. O espaço Museu do Homem do Curimataú deve ser utilizado para desenvolver atividades escolares e culturais? ( ) sim ( ) não

6. Conhecer a história da cidade é importante para preservar a memória e o patrimônio histórico? ( ) sim ( ) não

7. Você gostaria de participar de atividades no Museu do Homem do Curimataú? ( ) sim ( ) não

8. O que você tem curiosidade de saber sobre a história de Cuité?

---

---

9. Preservar o patrimônio é importante? ( ) sim ( ) não

10. Para você como devemos cuidar e preservar o nosso patrimônio?

---

---